

# Movimento estudantil propositor, extensão universitária e educação popular: contribuições para o debate

*Proposing student movement, community-institutional relations  
and community education: contributions to the debate*

Movimiento estudiantil propositor, extensión  
universitaria y educación popular: contribuciones para el  
debate

Isaquiel Macedo da Rosa\*  
Maria Elisabeth Cestari\*\*  
Flávia Lamberti Pivoto\*\*\*  
Rafael Pereira\*\*\*\*  
Maria Cristina Flores Soares\*\*\*\*\*

**Resumo:** o texto apresenta um relato da experiência de acadêmicos de diferentes cursos na construção de um projeto de extensão universitária, inicialmente desvinculado das estruturas formais da universidade, e que teve como desdobramento a criação de um projeto de extensão financiado pelo Ministério da Saúde. A importância da educação popular e da forma de ensinar e aprender é ressaltada assim como o caráter transformador do projeto, não apenas em relação à comunidade mas, principalmente, em relação aos estudantes e sua forma de se relacionarem com o saber e com o mundo. Acredita-se que tais experiências possam contribuir não só para a formação de profissionais técnica e politicamente competentes, mas também contribuir no repensar da formação acadêmica em geral e especificamente na formação de profissionais da área da saúde.

Palavras-chave: educação em saúde, estudantes, extensão comunitária

**Abstract:** This text presents a report on the experience had by students from different academic areas during the development of a project of community-institutional relations, which was initially unconnected to the formal structure of the university, and that had as an outcome the creation of an extension project financed by the national health ministry. The importance of popular education and of the ways of teaching and learning is highlighted as the transforming aspect of the project, not only in what pertains to the community but, especially, in what pertains to the students and the ways in which they relate to knowledge and to the world. It is believed that these experiences can contribute not only to the development of technically and politically competent professionals, but can also contribute to the rethinking of academic education in general and specifically of the education of health care professionals.

Keywords: health education, students, community-institutional relations

**Resumen:** el texto presenta un relato de la experiencia de académicos de diferentes cursos en la construcción de un proyecto de extensión universitaria, inicialmente desvinculado de las estructuras formales de la universidad, y que tuvo como desdoblamiento la creación de un proyecto de extensión financiado por el Ministerio de la Salud. La importancia de la educación popular e de la forma de enseñar y aprender es resaltada bien como el carácter transformador del proyecto, no apenas en relación a la comunidad, pero, principalmente en relación a los estudiantes y su forma como se relacionan con el saber y con el mundo. Se cree que esas experiencias puedan contribuir no solo para la formación de profesionales técnica y politicamente competentes pero también contribuir en lo repensar de la formación académica general y específicamente en la formación de profesionales de la área de la salud

Palabras claves: educación en salud, estudiantes, relaciones comunidad-institución

\* Acadêmico do Curso de Graduação em Enfermagem da FURG.

\*\* Doutora em Enfermagem, docente do Departamento de Enfermagem da FURG. E-mail: bethcestari@yahoo.com.br.

\*\*\* Enfermeira, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da FURG.

\*\*\*\* Médico, residente em Saúde da Família e da Comunidade - FURG

\*\*\*\*\* Doutora em Fisiologia, docente do Departamento de Ciências Fisiológicas da FURG. E-mail: mcflores@vetorial.net

## Primeiras Palavras

Acreditamos que a produção do saber universitário, a fim de construir atores organicamente comprometidos com a luta por uma sociedade igualitária, necessita levar em consideração as determinações sociais emergentes de uma população que vivencia um cotidiano (de)limitado por desigualdades sociais. Ou seja, o fruto desta produção seria formar profissionais atentos e preparados para o enfrentamento das necessidades de uma sociedade sustentada pela cultura capitalista que está impregnada em nosso modo de produzir, nos relacionarmos e atuar no mundo. A universidade deveria direcionar suas ações de ensino, pesquisa e extensão na busca da formação de profissionais comprometidos com as necessidades da sociedade da qual esta instituição faz parte, adotando um diálogo sustentado pela tríade questionar/propor/transformar.

Contudo, nossos anseios individuais nem sempre são atendidos pelo ensino formal universitário que, como regra geral, permanece estupefato ao olhar para a crise de legitimidade desta instituição que não se define como agente de transformação social, e continua atendendo as razões do mercado<sup>1</sup>. Desta forma busca a (con)formação frente às angústias sociais conflitantes, valorizando o mérito individual, o saber mercadológico e a produção de um sentimento de continuidade, ao invés da mudança. Neste sentido, o ensino formal, silenciando a indignação, inclina-se a promover a competição em favor das notas, que servem como filtro indicador do profissional “eficiente e competente” que se tornará mão-de-obra para o trabalho alienado<sup>2</sup>.

Um grupo integrante do movimento estudantil da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, em contraposição a uma política de lamentações e na busca por uma formação mais condizente com a realidade sócio-política-cultural-econômica da população local, e acreditando que os estudantes de uma universidade pública têm o compromisso de socializar seus conhecimentos e contribuir na construção de uma sociedade igualitária, optou por criar o Núcleo de Estudos e Práticas em Educação Popular (NEPEP).

Este núcleo foi idealizado e construído por acadêmicos de Enfermagem, História, Matemática, Medicina, Artes Visuais e Economia. O NEPEP atuou de forma autônoma e interdisciplinar, inicialmente sem nenhum vínculo institucional formal. Essa experiência de extensão marginal originou um projeto de extensão universitária, financiado pelo Ministério da Saúde, que amplia a inserção estudantil na comunidade, o projeto Vivências em Educação Popular no Extremo Sul do Brasil (VEPOP EXTREMO SUL - VER-SUS/EXTENSÃO).

Este relato de experiência pretende contribuir para a busca por soluções que ultrapassem a barreira da educação formal arraigada à sala de aula e fomentar discussões/attitudes/propostas em benefício de uma formação

mais qualificada – no sentido de um contato mais estreito com a realidade concreta e que favoreça, diretamente, a população oprimida. Com a criação de projetos de extensão universitária pelo movimento estudantil, num primeiro momento marginal e depois institucionalizado, aprofunda-se um debate necessário sobre a função social da universidade e o papel dos estudantes engendrando e dinamizando este processo.

## Construindo o NEPEP

Foram realizadas em Rio Grande/RS, por iniciativa do Movimento Estudantil da Área da Saúde (MEAS), com o apoio do Ministério da Saúde, duas edições (2004 e 2005) do projeto VER-SUS/BRASIL – Vivências e Estágios na Realidade no Sistema Único de Saúde (SUS). Os projetos, em suma, pretendiam favorecer a inserção crítica dos estudantes no SUS através de um estágio de 15 dias. Neste período os acadêmicos da área da saúde da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e de outras universidades do estado, teoricamente e concretamente, conheciam as várias faces do sistema – os hospitais, as unidades básicas de saúde, o conselho municipal de saúde, entre outros – além de problematizar com a comunidade, movimentos sociais e entre o próprio coletivo, os sentimentos, percepções e direções para a superação dos problemas identificados.

A participação dos estudantes no projeto VER-SUS foi importante para permitir tanto a crítica do sistema de saúde quanto da instituição formadora proporcionando a compreensão/percepção das fragilidades do ensino frente às necessidades da comunidade. Contudo, a simples identificação de problemas, tanto os do ensino quanto os dos serviços de saúde, não implica nas mudanças necessárias para a conquista de uma formação profissional comprometida como os determinantes sociais. Para tanto, é preciso, necessariamente, assumir o papel de agente de transformação. A partir de, e como proposta dessas edições do VER-SUS/BRASIL na cidade do Rio Grande, um movimento de superação da formação profissional restrita - tecnicamente competente, mas socialmente descomprometida, - apontou como caminho a organização do NEPEP.

Este núcleo se consolidou como um espaço interdisciplinar que busca o diálogo entre a academia e a comunidade, o que implica no estabelecimento de uma relação transversal na qual todos os saberes são valorizados. Quando o processo de formação transpõe os muros acadêmicos, então a tradicional sala de aula, reformada e ampliada, ocupa um espaço antes pouco valorizado, salientando a comunidade como agente fundamental no processo de construção profissional/humana.

Sempre foi uma preocupação - durante a etapa de construção do NEPEP e no período de atividade do mesmo - a fuga dos estigmas que a proposta de intervenção social pode esconder. A ação social de grupos

organizados, como o NEPEP, pode ser entendida como uma forma de substituição do dever do Estado, o que resultou em grandes conflitos entre os estudantes durante a construção da metodologia de ação. Um grupo acreditava que as atividades propostas proporcionariam um espaço de construção de ações e saberes assistencialistas e não forneceriam mecanismos de reflexão sobre os determinantes sócio-político-culturais da exploração do homem pelo homem. Outro grupo acreditava que seria possível conduzir a prática fugindo do veio assistencialista, desde que alicerçada nas bases da educação popular, entendida como “práticas educativas cujo objetivo principal é estimular o protagonismo e a participação política de grupos sociais populares e subalternos na transformação das relações de exploração, dominação e opressão a que estão submetidas” (MELLO, 2004, p. 19). Como resultado das discussões o primeiro grupo de estudantes afastou-se por acreditar que as atividades propostas apenas encobriam as falhas do Estado.

Nos dois primeiros meses a atuação foi no sentido de consolidação do núcleo, busca de atores identificados com a proposta do mesmo, construção de metodologias de ação e de um arcabouço teórico referente à educação popular. Nesse sentido, Paulo Freire ganhou destaque como marco referencial. Nesta fase, foi escolhido o local de atuação do grupo sendo que a escolha da comunidade em questão deu-se por meio de articulação prévia com movimentos sociais existentes - Associação de Moradores de Bairro e Central de Movimentos Populares do Rio Grande (CMP-RG) - sendo que a primeira cedeu o espaço físico e participou ativamente de todo o processo.

### Da intenção ao gesto

Nossa vivência ocorreu no período de julho a dezembro de 2005 em uma comunidade periférica da cidade do Rio Grande/RS, cuja população encontra-se condicionada à pobreza em função da negação de muitos dos seus direitos sociais, tais como educação, saúde, trabalho, moradia, lazer, entre outros, de forma digna e qualificada. Essa comunidade está localizada aproximadamente a 200 metros da Universidade.

Os integrantes do núcleo preocuparam-se em não trazer um “pacote de ações” pré-determinadas. Inicialmente foram realizadas reuniões com a comunidade, nas quais foram discutidas suas expectativas sobre a atuação do núcleo e suas prioridades, sendo que a forma e o conteúdo das ações foram estabelecidos a partir destas discussões. Ou seja, os membros da comunidade reunidos, por meio da problematização de suas necessidades, definiram a especificidade da atuação estudantil - as aulas de reforço escolar com crianças da comunidade - que passaram a ser realizadas aos sábados das 14 às 18 horas. O reforço escolar mobilizou cerca de 30 crianças, a maioria oriunda do ensino fundamental e algumas do ensino médio.

O diálogo exige que os sujeitos estejam verdadeiramente presentes na relação, ou seja, que saibam escutar

e falar, aceitando o outro como um igual. Este exercício é extremamente importante e difícil para a construção de profissionais verdadeiramente comprometidos com as questões sociais. Acreditando nesta necessidade é que o grupo, acolhendo a prioridade estabelecida pela comunidade, sugeriu a realização de oficinas temáticas que abordassem questões relacionadas à saúde, o que foi aprovado.

### O processo ação-reflexão-ação

Para Freire (2005, p. 24) “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. Ao longo de toda trajetória de atuação, a auto-avaliação dos fazeres projetou-se como fator determinante do processo de recriação dos mesmos. Para isso, eram realizados encontros para discussão sobre a vivência individual dos estudantes e sua contribuição para a (re)construção de novas subjetividades coletivas que eram expressas, posteriormente, em nossa atividade junto à comunidade.

Forjada no embate das exigências concretas das rotinas acadêmicas individuais, nossa instrumentalização teórica coletiva, deu-se, principalmente, no período que antecedeu a prática. Durante a vivência cada membro ficou responsável por seu crescimento teórico, procurando adequar-se às determinações de sua práxis. A incompatibilidade de horários dos integrantes do NEPEP gerou uma dificuldade para reunir todos durante a semana. Os horários das atividades de ensino-aprendizagem formais, notadamente dos cursos da área da saúde em nossa Universidade, dificultam a participação em movimentos coletivos. As atividades com a comunidade eram desenvolvidas nos finais de semana, período o qual não se desenvolvem as atividades formais de ensino.

Ressaltamos a falta de experiência dos atores envolvidos no que diz respeito à formulação de estratégias pedagógicas para atuação em educação popular e no trabalho em comunidade. Esta inexperiência foi mais evidente entre os acadêmicos dos cursos da saúde, o que pode estar relacionado à restrição de disciplinas de formação didático-pedagógica nos seus currículos e a predominância de um conceito normativo de saúde. Dependendo do conceito de saúde aceito, consciente ou inconscientemente, os profissionais da área, e os estudantes, podem acreditar que devem dizer aos usuários, ou pacientes, o que e como eles devem fazer para que possam ter saúde. Desta forma escutam pouco, não reconhecem o diálogo como forma de aprender e ensinar e creditam o insucesso de suas ações ao “desinteresse” ou à “incapacidade” da população.

Esta experiência junto à comunidade permitiu que percebêssemos os grandes desafios impostos a todos os profissionais que têm como objetivo desenvolver práticas educativas populares, em particular aos profissionais da área de saúde. Entretanto, as adversidades despertaram

um sentimento de superação e, como resultado, obtivemos a (re)invenção de fazeres, diretamente proporcional às dificuldades encontradas.

Analisando as intempéries enfrentadas é possível perceber um quadro contraditório no qual a busca por uma prática libertadora era permeada por uma prática assistencialista. Foi a análise desta prática que resultou na imposição do viés criativo necessário para incorporação de atitudes corporificadas em um saber orientado pela Educação Popular e pelo processo de ação-reflexão-ação.

#### Reforço Escolar e oficinas temáticas no contexto da Educação Popular

As aulas de reforço escolar ganharam vida fundamentadas nos princípios da educação popular e não, meramente, como uma extensão das atividades escolares, complementando a função do ensino formal com objetivo centrado em queimar etapas. Segundo Charlot (2000, p. 33) o estudante “é um sujeito confrontado com a necessidade de aprender e com a presença em seu mundo de conhecimentos de diversos tipos” e para tanto é necessário encontrar um sentido nesse processo. Assim, procuramos fomentar discussões que conduzissem a formação de um sentido coletivo de valorização do saber, cuja finalidade é potencializar a construção de sujeitos politizados e não escravos das exigências para a aprovação do ano letivo, baseada em notas.

As oficinas temáticas emergiram como mais uma proposta de distanciamento de uma abordagem assistencialista. Inicialmente a comunidade foi consultada sobre os temas referentes à saúde que desejariam discutir e a oficina, então, foi planejada e executada. No entanto, por falta de articulação entre os membros do núcleo, foi realizada apenas uma oficina que resultou em um momento diferenciado da intervenção estudantil, sobretudo para os acadêmicos da área da saúde. Nesta oficina foram trabalhadas questões sobre saúde, bem-estar e cidadania. Ressaltou-se a importância da lavagem das mãos, o soro caseiro e formas de prevenção de doenças popularmente conhecidas como “lombriga” e “bicho-do-pé”, frequentes na comunidade em questão.

O objetivo principal da oficina foi ressaltar a importância de cada um dos participantes como multiplicador de conhecimentos. Desta forma todos os presentes foram estimulados a difundir o que haviam aprendido para sua teia social – lares, escolas, amigos, igrejas, vizinhos, entre outros, incentivando um sentimento de solidariedade.

A abordagem pedagógica utilizada, tanto nas aulas de reforço escolar quanto na oficina temática, preconiza o estabelecimento de uma relação horizontal entre os sujeitos, estimulando a participação dos envolvidos e seu posicionamento crítico. Esta postura não é facilmente adotada já que, de um modo geral, como estudantes vivenciamos outro tipo de ensino-aprendizagem mais tradicional. Buscamos superar as limitações individuais

e coletivas no que se refere ao processo de ensinar-aprender, utilizando como referência Paulo Freire (1996, p.35) que disse: “não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos”.

Desta forma, nas aulas de reforço escolar, procuramos tornar mais atrativo os encontros através de dinâmicas, leitura de textos e poesias, estímulo à produção de textos críticos – abordando temas relativos à comunidade, a influência da televisão, o que se espera do futuro, valorização da auto-estima –, curiosidades sobre parasitoses e construção da cidadania.

Para Freire (1996, p. 52), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção”. Portanto, durante toda a atuação junto à comunidade, não nos colocamos como proprietários do saber, e sim como co-autores na construção do mesmo, fomentando discussões a respeito do processo ensinar-aprender e suas implicações em nosso cotidiano. Por exemplo, frente à solicitação dos estudantes por uma aula de caráter clássico, onde linearmente seriam repassados cálculos no quadro negro, foi proposta uma atividade diferenciada, na qual a turma foi dividida em duplas de trabalho. Essa atividade foi vivenciada em cinco momentos: a elaboração de cálculos para o colega de dupla; a resolução da tarefa construída pelo colega; a correção dos cálculos pelo colega que os propôs; a revisão da correção dos cálculos pelos membros do NEPEP; e finalmente, a problematização da atividade, ressaltando a autonomia e a socialidade do aprender.

A abordagem utilizada durante o reforço escolar permitiu o estabelecimento de uma relação de confiança entre a comunidade e os estudantes, percebida claramente através do afeto expressado em gestos, palavras e frases, principalmente pelas crianças das séries iniciais.

O último encontro constituiu-se em uma festa de despedida das atividades e contou com a participação dos estudantes e alguns familiares, representantes dos movimentos sociais, além dos integrantes do núcleo. Esse momento de confraternização foi também aproveitado para instigar reflexões sobre a intervenção que, segundo a comunidade, representou um avanço significativo, projetado na aprovação curricular da maioria dos estudantes (cinco estudantes do total de trinta ficaram em recuperação e apenas um teve que repetir o ano). Os estudantes que não obtiveram a nota mínima para serem aprovados foram acompanhados por um membro do núcleo durante todo período de recuperação.

#### Desdobramento da vivência:VEPOP Extremo Sul

A integração e a maneira como cada um de seus membros percebe-se e manifesta-se enquanto sujeito, através de suas atuações no NEPEP, proporciona um espaço de aprendizado diferenciado. Segundo Charlot (2000, p.71) “a consciência pode tornar-se reflexiva e gerar

enunciados”. Em outras palavras, o saber multilateral e contextualizado com a realidade e o saber comunitário gerou conhecimentos a partir da própria prática. Logo, refletindo em mudanças profundas em nossa concepção de mundo, nos construindo enquanto seres políticos<sup>3</sup> e interferindo de maneira acentuada em nossa experiência como estudantes de um curso específico dentro do ensino acadêmico.

A apatia crítica e a busca por uma domesticação profissional, sublinhada hegemonicamente por razões de mercado, devem ser substituídas por uma (sensibilização do estudante para com os problemas sociais que engessam a vida da população – fome, miséria e má qualidade da saúde, entre tantos outros. A vivência do NEPEP engendrou importantes avanços em favor de um processo de ensinar-aprender ampliado, no qual, além da apropriação técnico-científica, a conscientização, entendida como desvelamento crítico da realidade e sua transformação, se torna uma constante fundamental impondo um sentido a esse processo.

Com a experiência acumulada no processo de construção, desenvolvimento e atuação desse núcleo, buscou-se a ampliação de suas ações estabelecendo parcerias para a elaboração de um projeto institucionalizado de extensão universitária. A importância da participação estudantil como gestora de obras extensionistas é destacada por Souza (2000, p. 23) quando afirma que

todo o movimento da universidade, afirmador do seu papel social, tem estado ligado de alguma forma ao corpo discente tendo-o na maioria das vezes como elemento gerador. Não existe nenhum exagero ao afirmar que a extensão universitária no Brasil deve sua origem ao movimento estudantil.

Nesse caminho, os integrantes do NEPEP e outros atores do MEAS, buscaram apoio junto à instituição para elaboração de um projeto de extensão universitária financiado pelo Ministério da Saúde, desenvolvido na dinâmica da educação popular, a saber, VER-SUS/Brasil: Extensão Universitária no SUS, modalidade VEPOP-SUS (Vivências em Educação Popular no SUS) que tem como objetivo ampliar o espaço de articulação entre a graduação e a extensão na produção de mudanças na formação dos acadêmicos, na implementação de políticas públicas intersetoriais voltadas à saúde e à superação de desigualdades regionais e sociais, bem como inserção do contato direto dos universitários com a sociedade, promovendo uma interação dos saberes popular e científico, mediante a produção de conhecimento a partir da experiência (BRASIL, 2005).

Na FURG, o VEPOP-SUS, foi batizado com o nome de “VEPOP Extremo Sul: Vivências em Educação Popular no Extremo Sul do Brasil”. O projeto tem duração de um ano e está acontecendo em 14 bairros da cidade de Rio Grande e 2 de São José do Norte, contando com 35 bolsistas - de diferentes áreas da graduação - divididos em 7 grupos. Cada local terá um preceptor (profissional

de saúde), que acolherá e atuará junto ao grupo durante o período de duração do projeto. Além disto, cada grupo de bolsistas ainda terá acompanhamento de um estudante que desenvolverá o papel de facilitador das atividades desenvolvidas.

Os membros do NEPEP atuam de maneira direta e propositiva no VEPOP Extremo Sul, cinco deles exercendo a função de coordenadores estudantis e 1 de bolsista. A coordenação estudantil participa ativamente na formulação de estratégias e diretrizes em co-gestão com a coordenadora geral que é uma docente escolhida pelos estudantes, o que legitima organicamente sua posição.

## Os Desafios da Institucionalização da Educação Popular e Formação Acadêmica

A Educação Popular foi gerada/inspirada originalmente no trabalho de Paulo Freire na década de 60, encontrando na conscientização sua categoria principal. A tríade ação-reflexão-ação, ou a prática e a reflexão sobre a prática, implica em outra categoria não menos importante: a da organização. Não basta estar consciente, é preciso organizar-se para transformar (GADOTTI, 2000).

O processo pedagógico inscrito neste tipo de educação serve como instrumento de transformação social, pois propõe uma tomada de consciência, ou seja, uma interpretação crítica da realidade concreta e opressora, resultando na organização e mobilização política dos indivíduos-coletivos, desfavorecidos pela ideologia dominante - através de marchas, greves, ocupações, negociações coletivas, passeatas, encontros, assembléias - que são momentos/espços de ensino-aprendizagem comuns na luta pelos direitos culturais-políticos-sociais e por uma sociedade igualitária.

A polissemia sobre o termo educação popular pode resultar em interpretações sofisticadas partindo do ponto de vista dos interesses pedagógicos/ideológicos daqueles ditos educadores. A intencionalidade prática desta proposta político-pedagógica é impossivelmente neutra, num dado momento, seja direta ou indiretamente, através do conteúdo ou da forma, seu caráter progressista ou conservador é ressaltado. Mesmo entre aqueles que se dizem sensíveis à problemática social e que manifestam um dizer coerente com a proposta da Educação Popular, como é o caso do projeto VEPOP Extremo Sul, a prática pode ser contraditória.

Como resultado dessa variedade semântica, a educação popular pode ser entendida e praticada como uma “educação para o povo sem educação”, que pretende retirar o indivíduo da ignorância, injetando uma diversidade de informações para que ele possa adaptar-se ao mundo que compartilha, através da transmissão de conhecimento, ditos necessários por aquele que educa,

sendo o educando um mero depósito, tornando a educação uma prática bancária (FREIRE, 2005). Ou então, ser compreendida como qualquer prática de educação não-formal que, conforme Hurtado (1993), é uma educação que rompe com o modelo da escola rígida tradicional nos aspectos formais, mas que continua transmitindo, com os mesmos enfoques e procedimentos, uma série de conhecimentos previamente esboçados e organizados por especialistas.

A ênfase no pedagógico e/ou didático faz muitos definirem seus programas como o de educação popular, identificando o uso de audiovisuais, filmes, dinâmicas etc., com as características essenciais da educação popular. Porquanto, deixam de lado explicitamente a intencionalidade política do modelo educativo com que se trabalha. Muitas vezes, ainda que o segmento "beneficiado" seja o povo, a orientação no conteúdo e na forma não responde a seus interesses enquanto classe (HURTADO, 1993).

Ter consciência destes desafios pode permitir que o grupo trabalhe continuamente no sentido de avaliar a própria prática e seus desdobramentos, evitando cair na armadilha de reproduzir o modelo de educação que criticam. A atitude de refletir sobre a própria prática, questionando seus fundamentos e conseqüências, é indispensável para a formação de um profissional que, além da competência técnica, tenha competência política e esteja conscientemente comprometido com uma proposta de transformação.

Cada situação tem uma determinação multifacetária, logo a interdisciplinaridade, presente de maneira substancial nas atividades do NEPEP (e atualmente no VEPOP Extremo Sul) materializou-se como ferramenta de leitura da realidade. Essa polifonia proponente de mudanças contrapõe-se à falsa neutralidade imposta por uma sociedade (im) perturbável, que teme a transformação. Portanto, é inevitável a metamorfose pessoal em favor da socialidade/solidariedade na superposição do individualismo e do dogmatismo.

Percebemos que a integração de saberes entre a comunidade e a universidade funciona como instrumento de transformação social e que seu caráter essencialmente democrático foi determinante para construção de sujeitos compromissados com a problemática social e com a construção de alternativas que contribuam para a formulação coletiva de uma proposta de formação profissional voltada para os interesses e necessidades específicas da sociedade.

A re-modelagem do movimento estudantil firmando-se como sujeito propositivo e protagonista na luta por uma universidade despida do capitalismo, seja através de iniciativas marginais como o NEPEP ou tencionando a posição formal da universidade através da extensão popular, com o projeto VEPOP Extremo Sul - é necessária nesses tempos nos quais percebemos a universidade sufocada por interesses mercadológicos. O trabalho acadêmico

pode favorecer o velamento das discrepâncias sociais, condicionando seus sujeitos à reprodução da lógica do mérito individual e exploração dos oprimidos.

Em meio às contradições vivenciadas no processo de educação formal, a educação popular desponta como tentativa de desvelar a falsa neutralidade das práticas educativas universitárias. Concordamos que aceitar e produzir essa "pedagogia bancária" é ignorar o indivíduo e sua potencialidade como ser humano para transformar o mundo que compartilha e constrói. Contudo, percebemos a dificuldade de organizar e conduzir um projeto de Educação Popular, que pretende o surgimento de uma nova cultura e uma nova concepção de mundo, gerado dentro de uma instituição que, no geral, impõe um conjunto de conhecimentos e saberes acabados e não-refletidos, voltados para a consolidação e manutenção da dominação política-econômica-ideológica da sociedade capitalista.

## Notas

1. Neste sentido ver o trabalho de Marilena Chauí, "Escritos sobre a Universidade" (2001).
2. Entende-se por trabalho alienado aquele que se transforma em objeto que o trabalhador só consegue adquirir com o máximo de esforço e com interrupções imprevisíveis. Sendo a apropriação do objeto manifestada como alienação, isto é, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos ele pode possuir e mais se submete ao domínio do seu produto. "Com base no pressuposto, é claro que quanto mais o trabalhador se esgota a si mesmo, mais poderoso se torna o mundo dos objetos, que ele cria diante de si, mais pobre ele fica na sua vida interior, menos pertence a si próprio" (MARX, 2005 p. 112).
3. No sentido de apropriação de saberes que potencializem as mudanças sociais necessárias em tempos de holocausto capitalista e crise de legitimidade da universidade.

## Referências

- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2005. 165p.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 93 p.
- CHAUÍ, Marilena Chauí. **Escritos sobre a universidade.** São Paulo: Editora UNESP, 2001. 205p.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992. 93p.
- HURTADO, Carlos Nuñez. **Educar para transformar, transformar para educar: comunicação e educação popular.** Petrópolis: Vozes, 1993. 205p.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo, Martin Claret, 2005. 176p.
- MELLO, Marco. **Pesquisa Participante e Educação Popular: da intenção ao gesto.** Porto Alegre: Ed. Ísis, 2005.
- SOUZA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2000. 138p.